

DIÁRIO PT METAL

NEWSLETTER

ANO : I SETEMBRO 2025

NEWSLETTER #3

Este potente quarteto algarvio tem vindo a espalhar o seu vírus metálico sem temer distâncias nem obstáculos. O vocalista e guitarrista da banda, Pedro Marreiros, deixou-nos a par do presente e promissor futuro desta força metálica que encara qualquer imprevisto como parte natural da luta.

Dizem por aí que vocês estão prestes a entrar em estúdio ou que já lá estão a gravar o sucessor do álbum de estreia. São verdadeiros estes dizeres populares? =D

Antes de mais, muito obrigado pela oportunidade e uma palavra também ao trabalho que estão a fazer, e que têm feito para apoiar bandas e promotores no

underground nacional. É muito gratificante saber que existem pessoas dispostas a sacrificar tempo, dinheiro e vida pessoal para dar voz e visibilidade ao trabalho que se faz por cá. Sim, é verdade que estamos na pré-produção do sucessor de nosso álbum de estreia, e em Novembro iremos entrar em estúdio para iniciar o processo de gravação. Vamos repetir a fórmula do primeiro trabalho, tanto a nível de local de gravações como da equipa técnica que nos acompanhou. No meio de todo este processo,

vamos continuar activos em termos de concertos e quem nos for ver numa dessas próximas datas já vai poder ouvir músicas que irão entrar no próximo álbum.

Muita acção na capa do álbum de estreia, ao que parece a vossa mascote é tesa prá porrada. O que se passa na capa, e a vossa mascote, tem nome?

A nossa “mascote” surgiu muito tempo antes de pensarmos nesta capa. É um personagem responsável pelo equilíbrio de poderes, mas sempre a favor da resistência. A capa deste trabalho foi criada e pensada nesse sentido. Ele surge numa postura afirmativa combatendo os demónios que representam a elite global

que domina o planeta através das guerras, do caos e do engano. Sempre à custa de um povo refém das suas decisões que têm sempre como objectivo, não do bem-estar comum, mas de um bem-estar e criação de riqueza dessa mesma elite.

A nossa “mascote”, inclusive já esteve em palco connosco, em carne e osso em algumas ocasiões,

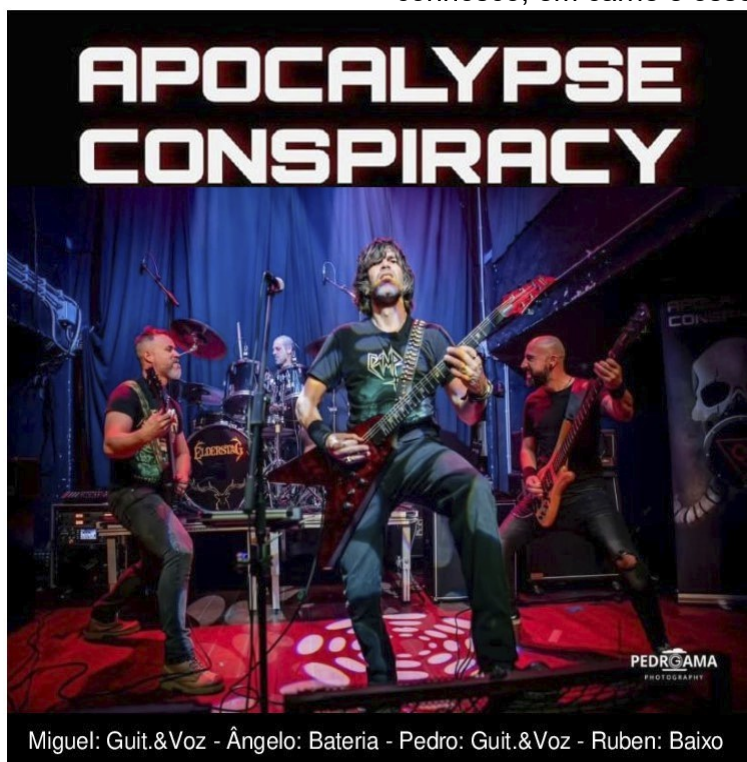
momentos que podem ser vistos em fotografias ou vídeos na net. Em breve poderá surgir novamente, nunca se sabe.

Quanto ao nome, já tivemos várias conversas e já foi “baptizado” algumas vezes, mas desde há uns tempos para cá, ficou o “Anonymous”. Muito por culpa de um artwork que foi feito para o lyric video do tema “Anonymous”. No final do vídeo surge uma estátua exactamente com a “mascote”, a simbolizar o Soldado Desconhecido, honrando os sacrifícios de todos os que morreram

pela pátria, sem serem identificados ou reconhecidos individualmente.

Acreditas mais num apocalipse por razões nucleares, por extermínio mútuo numa guerra de máquinas contra humanos no estilo Exterminador, ou de outra forma?

Bem... ao descobrir os “Apocalypse Conspiracy”, a primeira reacção poderá ser exactamente essa. Que as temáticas e o propósito do conceito é exactamente o Apocalipse na sua forma clássica, como dizes e bem, nuclear, extermínio mútuo ou guerras de máquinas. No entanto “Apocalypse Conspiracy” gira mais à volta do povo ser o peão no jogo controlado pelas potências



Miguel: Guit.&Voz - Ângelo: Bateria - Pedro: Guit.&Voz - Ruben: Baixo

globais. O tema “Virus” por exemplo aborda a forma como o povo é “injectado” com informação constante, verdadeira ou não, isso hoje em dia é o menos importante. Quero acreditar que o apocalipse está nas mãos de todos nós e na forma como poderá acontecer um dia...ou não. Até lá, vamos espalhando o nosso “apocalipse” com toda a nossa fúria.

Preferias ser levado por uma onda nuclear, em que dizes “que se lixe isso tudo”, ou ficar num bunker à espera que o inverno nuclear passe?

Excelente pergunta. Primeira hipótese sem dúvida. Era encarar de frente a onda nuclear de guitarra na mão ligada a um amplificador de 100000 watts e descarregar riffs até ao ultimo segundo.

Desde que começaram a tocar ao vivo em 2022, já deram mais de 20 concertos, tem mais uns quantos para completar em 2025 e já tem marcados para 2026. A banda aposta forte nos concertos ao vivo e mostra verdadeiro gosto e dedicação para dar actuações memoráveis.

Quais são os maiores desafios para tocar ao vivo e quais as maiores recompensas?

Tocar ao vivo é o nosso principal objectivo desde o primeiro momento, é onde nos sentimos verdadeiramente realizados e onde conseguimos transmitir a verdadeira essência da banda.

Quanto aos desafios de tocar ao vivo, bem, cada concerto tem as suas características próprias e cada um tem os seus próprios desafios associados. Quando existem várias pessoas e questões logísticas envolvidas, surgem sempre desafios, mas nós encaramos isso sempre de forma positiva do género: “Temos estas condições e estas situações, vamos tentar perceber como podemos fazer acontecer as coisas da melhor forma”. É desta forma que temos encarado o nosso percurso e com excelentes resultados. As maiores recompensas que temos tido são sem dúvida as amizades que têm ficado dos vários sítios por onde já passamos de Norte a Sul do País, e o público que sai de casa para apoiar.

Coisas, requisitos mínimos ou salva vidas que o pessoal de uma banda deve ter ou ter em atenção na estrada, no teste de som ou no decorrer do concerto?

Na estrada... Nós somos do Algarve, logo muitos dos

concertos são longe, Lisboa para cima, e nunca é assunto ir tocar e vir para o Algarve logo de seguida. A vida vale muito mais que as maluquices que podemos fazer e que correm bem, mas que também podem correr muito mal. Em termos financeiros é difícil gerir uma banda e andar na estrada, principalmente quando as contas têm de ser geridas com pinças, mas aproveitar a vida é muito mais importante que isso tudo. Um conselho que damos para andar na estrada,

é não fazer viagens sem condições físicas. Se não houver condições de alojamento, mais vale encostar no banco do carro umas horas e depois seguir viagem.

Num concerto, é a loucura. Quando a máquina começa a andar já não pára e imprevistos acontecem. O que é tocar ao vivo sem esses imprevistos? Já nem ligamos, quando acontece é encarar de frente, fazer um slide na guitarra ou um break maluco e siga! Tens duas formas de encarar um “prego” ou “imprevisto”, resolves com aquela postura de cara feia e punho cerrado ou grito do demónio e a malta que te está a ver vibra contigo, ou podes ficar encolhido e com cara de comprometido e aí toda agente vai reparar que fizeste merda. Portanto... ROCK & ROLL!!



Alguns acontecimentos altamente improváveis que tenha acontecido à banda num concerto?

São anos de experiências e de episódios que fica difícil escolher. No entanto tivemos algumas situações que podiam ter sido complicadas, mas que mais uma vez resolvemos com calma. Num festival, estávamos como banda de abertura no ultimo dia do festival (iríamos tocar cerca das 16h30) e eram no total 9 bandas nesse dia. Entretanto surgiram umas complicações que fez com que as bandas que iam fechar o dia tivessem que alterar as suas posições de horário para subir palco. Gerou-se ali uns momentos de algum nervosismo, que foi resolvido com uma conversa entre nós, a banda que iria fechar a noite e o promotor. A solução encontrada foi nós fecharmos o festival. Passamos das 16h30 da tarde para as 00h30, sorte que não somos banda de beber álcool muito cedo, senão ia ser engraçado... ao invés disso foi um concerto brutal.

Como músico, quais são as coisas que menos gostas de fazer, mas que tem de ser feito por ti?

Não existe assim nada em específico que me faça “espumar pela boca”, como se costuma dizer. Talvez desfazer o “esparguete” de cabos quando estamos a arrumar o material. É chato, mas é trabalho que tem de ser feito, portanto, é para um bem maior. O que me faz

ficar frustrado às vezes, é pensar “estou a ter grande ideia para uma música”, aquilo estar a fervilhar na cabeça, ligo as coisas, preparo a sessão de gravação e quando começo a tocar, não sai nada. Muitas vezes quando esse momento “eureka” surge e estou fora de casa, agarro no telemóvel e ponho-me a murmurar os ritmos que me estão a surgir. Engraçado estar a fazer isso, por exemplo, num supermercado e ver que as pessoas começam a olhar. Já compus músicas e riffs soltos graças a esses “momentos de telemóvel”.

Odiar, no real sentido da palavra, não odeio nada no que à música diz respeito. Todos os momentos fazem parte do processo, e penso em todos eles como parte de algo maior.

Quais os melhores conselhos/dicas (que te deram, que leste, ou ouviste dizer) sobre o mundo da música, sobre ser músico ou de composição de músicas que nunca esqueceste e que ficaram contigo para a vida?

Um dos meus passatempos favoritos é ver entrevistas ou documentários de músicos, aprende-se imenso ao perceber as origens e os percursos das nossas referências musicais. Um documentário que está no meu Top 5 é sobre a vida e carreira do Ronnie James Dio. Conselhos: acreditar no que se faz. O público é soberano e sem ele nada do que fazemos faz sentido, no entanto devemos acreditar e sentir aquilo que fazemos e esse sentimento verdadeiro irá influenciar as pessoas. Ser músico pode ser a coisa mais brutal do mundo, mas também pode ser a coisa mais frustrante, esse equilíbrio é extremamente delicado, logo depende da maneira como encaramos as coisas. Nesta banda, não pensamos no que não podemos controlar, por exemplo, se vamos ter muito ou pouco público. Fazemos o melhor que podemos para chegar às pessoas e dar conhecimento dos eventos, no entanto, se vai haver adesão ou não, já não está no nosso controlo. Portanto sabemos que fizemos tudo o que podíamos ter feito, a partir daí é dedicarmo-nos ao que controlamos, que é a nossa música e a nossa actuação, seja para 5 ou para 5000. Pouco ou muito público, todas as presenças merecem a nossa dedicação máxima.

Se amanhã acordasses no corpo de um puto metaleiro, mas com a experiência de vida que tiveste até hoje, o que farias diferente ao entrar no

mundo da música?

Talvez não fizesse nada de diferente, penso que esse percurso “inconsciente” faz parte do crescimento. Talvez se voltasse a ter 16 anos e tivesse a bagagem destes anos todos, podia acontecer hoje não ser o mesmo músico ou a mesma pessoa ou não ter tido os mesmos projectos e bandas que hoje fazem parte do presente. O arrependimento está naquilo que não

fizemos, o que fazemos, corra mal ou corra bem, vão ser esses os alicerces da nossa vida.

Se te fosse dada a oportunidade de voltar no tempo para ver um único concerto de Metal, qual seria?

Metallica - Day of the Green 1985 em Oakland. Ver o Cliff Burton ao vivo uma única vez, seria algo memorável.

Quais são os teus compositores favoritos? De Metal e não.

Metal: Tenho vários compositores favoritos, mas destaco Tuomas Holopainen e Peter Tagtgren que foram dois dos principais responsáveis

pelo meu interesse e início nas composições originais no distante ano de 1998/99.

Não metal: Hans Zimmer surge devido à genialidade e imortalidade das suas composições, em particular nos inúmeros filmes épicos que contam com as suas magistrais orquestrações.

PERGUNTAS PARA CADA UM DOS ELEMENTOS DA BANDA:

Pudessem escolher a capa do vosso próximo álbum, sendo esta a capa de um álbum já lançado no passado, mas que sendo escolhida por vocês, desaparecia da história do Metal e tornava-se vossa, qual seria?

Ruben: Iron Maiden ‘Powerslave’ | **Ângelo:** Metallica ‘Black Album’ | **Pedro:** Hypocrisy ‘Virus’ |

Miguel: Black Sabbath ‘Black Sabbath’

Uma, duas ou três, músicas do Metal em geral que consideram perfeitas:

Ruben: Lamb Of God ‘Walk with me in Hell; Testament ‘Down for Life; Exodus ‘War is my Sheperd’ | **Ângelo:**

Mgla ‘Exercises in Futility; Pantera ‘Cowboys From Hell; Kanonenfieber ‘z-vor’ | **Pedro:** Queen ‘Bohemian Rhapsody; In Flames ‘December Flower; Metallica ‘To Live is to Die’ | **Miguel:** Metallica ‘Master of Puppets; Dream Theater ‘Pull Me Under; Judas Priest ‘Painkiller; Megadeth ‘Tornado of Souls

Introdução e entrevista por: Sérgio Borba

Requiem Laus

OS PIONEIROS DO METAL MELÓDICO DA MADEIRA

Desde 1992, a cidade do Funchal, na ilha da Madeira, é o berço de uma das mais antigas e resilientes forças do metal nacional: os Requiem Laus. Com um nome que em latim significa "Descanso Louvado", a banda forjou um caminho único, combinando a agressividade do Death Metal com a melancolia e atmosfera do Black e Doom Metal. A sua longa jornada musical é um testemunho de persistência, evolução e uma dedicação inabalável à sua arte.



Ao longo de mais de três décadas, a formação dos Requiem Laus evoluiu, mas sempre sob a liderança do seu membro fundador, que é a alma do projeto:

Miguel Freitas – O pilar da banda, responsável pelos vocais e guitarras desde o início, em 1992. A sua visão e resiliência foram cruciais para manter a banda ativa e relevante.

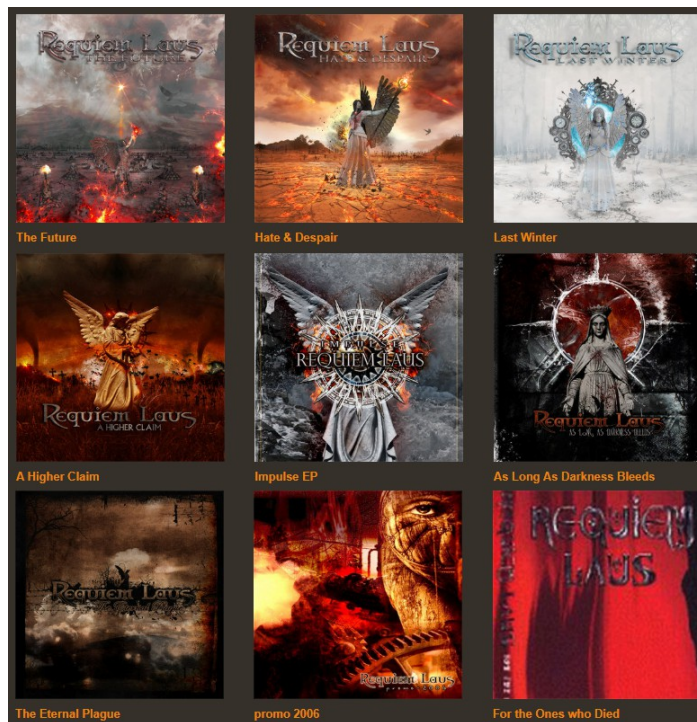
Ricardo Fernandes – No baixo desde 1997, a sua presença é fundamental na sólida secção rítmica da banda. É também conhecido por outros projetos como The Esoteric Movement v:6.660 e ex-Crown of Grief.

Dani Pereira – Assumindo as guitarras também em 1997, a sua contribuição tem sido vital para a construção das harmonias e riffs característicos da banda.

Pedro Pereira – O teclista desde 2016, que adiciona novas camadas de atmosfera e melodia ao som do grupo.

A discografia dos Requiem Laus é vasta e reflete a sua evolução sonora. Após uma série de demos nos anos 90 que levaram o seu nome para além da Madeira, a banda lançou o seu primeiro álbum completo, "The Eternal Plague", em 2008, seguido por "As Long as Darkness Bleeds" em 2011. Estes trabalhos, juntamente com vários EPs lançados ao longo dos anos, consolidaram a sua reputação como uma banda que, apesar de independente em muitas fases da sua carreira, nunca comprometeu a qualidade da sua produção.

Ligados à editora 666 Productions, os Requiem Laus continuam a ser uma força ativa e influente no panorama do metal português. A sua história é um exemplo de como a paixão e a perseverança podem superar desafios de tempo, distância e mudanças na indústria, mantendo viva a chama do metal extremo.



A história da banda remonta a 1989, quando foi fundada sob o nome Morbidatory. Após algumas mudanças e uma breve passagem como Requiem, a banda solidificou a sua identidade como Requiem Laus em 1994, pronta para deixar a sua marca. As suas letras, escritas por Jorge Ribeiro de Castro para o álbum "The Eternal Plague", mergulham na maldade do mundo contemporâneo, abordando temas como a inveja, a guerra e a decadência social, descritos como uma "praga infinita".





SORTEIO METAL TUGA!

Responde a duas perguntas e entra no sorteio em que serão oferecidos

1 CD + Pin dos APOCALYPSE CONSPIRACY

1 CD + T-Shirt dos HYUBRIS



DUAS PERGUNTAS
2 CD'S + T-SHIRT + PIN
1 VENCEDOR!



- Qual é o nome da mascote dos Apocalypse Conspiracy? Ver entrevista.
- Quais os nomes dos músicos que tocam gaita de foles e violino no novo álbum dos Hyubris? Ver entrevista.

As respostas devem ser enviadas para o e-mail ou Messenger desta newsletter. O sorteio será feito num directo a 30 de OUTUBRO, às 21h PT Cont., 20h Açores, na página do Facebook. Os nomes de quem enviou respostas certas, serão escritos em pequenos papéis, dobrados e juntos num recipiente transparente onde serão baralhados e daí sairá o vencedor/a do pack de 2 CD's+T-SHIRT+PIN👉📧👉

Scam Ones "Hey Ho, Now We're Fucked"

Edição de Autor

Bem que podíamos ter dentro desta secção uma outra secção, o "Cantinho do Melkor," tal é a sua proficuidade e onnipresença no nosso panorama. Pelo menos um lançamento mensal é garantido. E surpresas também. Regularmente – mas não exclusivamente – assente nas vertentes mais extremas do metal, há um twist nestes Scam Ones, ao prestar tributo ao punk da velha-guarda. Se o título vos faz lembrar qualquer coisa, estão certos, e o tributo volta na faixa "Panic Mode." No entanto, a surpresa é que isto não é apenas um disco de punk, um tributo aos Ramones, uma adaptação de letras de hinos que todos bem conhecemos. É isso tudo mas, passado para o extremo, thrashado, empapado em death metal, de voz gutural. Como se o old school punk rock fosse envolvido num lodo de death metal, como se os Ramones se erguessem como zombies thrasheiros sedentos de sangue, um vil agradecimento ao punk por estar na génese do metal extremo. E tudo feito sem modernices, porque se é tributo, é tributo. Até a "batota" da bateria programada é cuidadosamente feita para não retirar autenticidade, como nos adverte um "disclaimer." Se já sabíamos que a Sheena era uma punk rocker... Vão lá ver o que é o Johnny... (C.M.)



"Down Into the Abyss" e "In the Ruins Of A Dream", são na minha opinião os temas mais poderosos, mas o importante é realçar o salto qualitativo nas composições da banda.

Inhuman Architects "Spectrum of the Damned"

Edição de Autor

Tudo tem o seu revivalismo, mesmo quando parece improvável. Muitos nunca diriam que tanta luz de ribalta se voltasse novamente para o deathcore, mas aí está ele, ainda por cima a mutar-se e a arranjar outras vertentes por onde expressar aquilo que podia ser só simplicidade bruta. Por cá? A miudagem curti os actos internacionais. Com certeza havia tentativas, umas com certeza notáveis, mas nunca abundou por cá. É agora que temos os tais actos de respeito que não devem propriamente alguma coisa aos de fora.

Os Inhuman Architects já parecem uns veteranos quando chegam ao segundo longa-duração. "Spectrum of the Damned" é o disco de uma banda já estabelecida e a liderar uma cena que, se já esteve moribunda, não os notificaram. Usam as referências na manga, mas é a mão deles que orienta tudo, a buscar referências a Carnifex para a atmosfera, especialmente numa faixa como "Primordial Decay," e capazes de recorrer ao sinfónico, ao técnico e até ao melódico, como em "Architects of Ruin," entre outros exemplos, sem realmente anular aquilo que será sempre o grosso de um disco destes: brutalidade, castanhada, breakdowns para toda a família e uma pit à espera para ser aberta. Comparável a actos dominantes contemporâneos como Lorna Shore, mas já merecem o seu próprio crédito. (C.M.)



Crimson Bridge "Nothingness Lies Ahead" (EP)

Edição de Autor

Formados em 2016, e após o lançamento em 2021 do seu álbum de estreia "In Pitch Black", os Crimson Bridge editam este ano o EP "Nothingness Lies Ahead". Praticantes de uma sonoridade que vai desde o death metal melódico aos sons mais modernos do groove/metalcore, este quarteto almadense procura aprofundar e expandir as suas sonoridades mais pesadas com sons progressivos, sustentados por riffs bem estruturados e bem executados. Nestes quase 30 minutos, divididos por 5 temas, somos brindados com pura energia envolvida numa atmosférica melancolia lírica com que a banda molda os seus temas baseados em experiências pessoais e apresentadas de forma metafórica.



Grog "Sphere of Atrocities" Helldprod Records

Há um certo uníssono quando se enumeram os principais titãs do death/grind do nosso país e tem que haver um calduço bem pesado reservado para algum distraído que não se lembre de nomear logo os Grog. Veteranos de décadas, já têm a sua própria marca de grind e o seu próprio ritmo. Mais uma vez tivemos um longo período de espera, para sarar as feridas causadas pelo anterior, para podermos desfrutar de mais castanhada. "Sphere of Atrocities" não mostra qualquer sinal de abrandamento na descarga de grind malévolo e violento. Por entre riffs grosseiros, ainda existe um cuidado com a atmosfera e a técnica. Já para não falar na temática, que podia ser só carnificina e violência, mas não. Tem que haver uma outra profundidade, uma vertente filosófica, uma outra temática rugida por Pedro Pedra. Que isto podia ser só porrada, pescoços a estalar e estava feito. Tem mais qualquer coisa. Mas continua a ser isso, que estamos na mesma a limpar sangue e tripas das paredes. E só o fizemos com tanta satisfação desde o último canhão dos Grog. (C.M.)



Biolence "Violent Obliteration" Doomed Records & Raging Planet & Selvajaria Records

São os próprios que dizem que este é o disco mais coeso, directo e violento do repertório. Mais ainda? São veteranos da cena, logo têm palavra na qual podemos confiar, antes de realmente o comprovarmos com os ouvidos e com o pobre sacrificado do pescoço. E é por serem veteranos, com experiência acumulada, que são capazes de debitar esses anos de thrash e death metal denso e bruto, aqui neste "Violent Obliteration." Acaba por funcionar como uma culminação. As letras mantêm o mesmo tema de guerra, destruição, ganância e outras belas qualidades da raça humana, temas que teimam em não envelhecer e em ser sempre actuais e a alimentar a raiva com que se expele deste peso. No final, é uma prova de que não é aqui que procuraremos inovações porque não são necessárias, e de que vale sempre a espera por um novo disco dos Biolence. (C.M.)



NekrOmatics "Place Of Indulgence"

Prophetical Productions

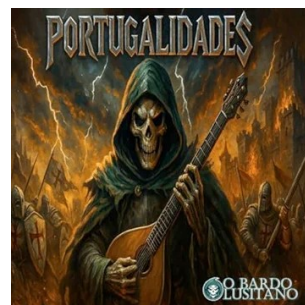
NekrOmatics é um projeto da zona de Almada que surgiu em 2025, pelas mãos de Melek Taus (compositor e criador dos riffs) e Melkor (voz, baixo, orquestração e produção nos Studios13). De acordo com a biografia da banda, NekrOmatics deriva da união de Necro (do grego nekros - morto) com Matics, evocando ciências proibidas, matemática da ressurreição e autómatos necromânticos, entidades que transcendem a morte.



"Place Of Indulgence" é o álbum de estreia da banda e foi lançado a 13 de setembro pela Prophetical Productions, editora de Ílhavo. O registo conta com sete temas e um outro, cuja sonoridade pode ser caracterizada como Black Metal sinfónico e melódico, com algumas influências de Death Metal. Em termos de influências, é perceptível que a banda bebe inspiração em nomes como Dimmu Borgir ou Old Man's Child, sendo que NekrOmatics integra as suas influências num som e numa identidade muito próprios. Do ponto de vista técnico, é difícil não destacar as faixas "Overkill Boulevard" e "Necropolis Ablaze". A música "Love, Murder and Mental Issues" será, porventura, a mais dissonante do álbum e conta com algumas vocalizações límpidas e riffs com algumas influências de Morbid Angel. Em termos de trabalho de guitarra, conseguimos identificar riffs bastante interessantes e melódicos, a que juntam-se também solos competentes. Apesar de estarem a um nível bastante aceitável, na minha perspetiva as vozes são a componente que ainda carece de aprimoramento e de melhor integração na sonoridade que NekrOmatics propõe. No que concerne à produção, o resultado final é muito consistente. Em suma, trata-se de uma proposta muito interessante e com qualidade, sendo que nos desperta a curiosidade para lançamentos futuros (A.A.).

O Bardo Lusitano *"Portugalidades"* Edição de Autor

Há discos que se ouvem. E há discos que se sentem como um soco no estômago da nossa consciência coletiva. "Portugalidades" é um desses. Este não é um álbum de "Folk Metal" para dançar em festivais. É um grito. Um grito de revolta contra o esquecimento, uma chamada às armas contra a apatia que nos consome. João Silva, sob o manto d'O Bardo Lusitano, não está aqui para nos dar uma aula de história. Ele está a abrir as sepulturas dos nossos heróis para nos esfregar na cara o que fomos e o que já não somos. Cada riff de guitarra, cada batida na bateria, soa como um martelo



a forjar de novo a espada de Afonso Henriques. A voz não canta, proclama. É a voz de um arauto no meio de um povo adormecido, a berrar os nomes que teimamos em esquecer: Viriato, os Templários, os navegadores que fizeram do mar um caminho.

Ouvir "Fúria (de Viriato)" não é ouvir uma canção; é sentir o eco da raiva do guerreiro que nunca se curvou a Roma. Ouvir "Mar português" é sentir o sal das lágrimas de Pessoa, a dor e a glória de um império que o tempo afogou. Este álbum dói. Dói porque nos lembra que o sangue que corre nas nossas veias é o mesmo que conquistou o desconhecido, e hoje mal nos atrevemos a sair da nossa zona de conforto.

A sonoridade é crua, direta, sem artifícios. É o som do ferro contra ferro. É o Heavy Metal na sua essência mais pura, despido de vaidades, servindo um propósito maior: acordar um gigante adormecido.

"Portugalidades" é um manifesto. É um espelho que nos obriga a encarar o reflexo de um povo de heróis e guerreiros, e a perguntar: o que fizemos com esse legado? Este álbum não é para quem procura música de fundo. É para quem sente a mesma inquietação, a mesma saudade de uma grandeza que parece perdida. É o som da nossa identidade a lutar para não morrer.

Nota: Um Grito Necessário. (A.R.)

Osso "Specters Circus"

Edição de Autor

Do lote das coisas menos usuais, chega-nos o misterioso projecto Osso, com o álbum "Specters Circus", achando que os circos não são suficientemente bizarros e que devemos ser transportados para o seu imaginário mais soturno e assombrado, devidamente musicado por sintetizadores sinistros, num dark ambient arrepiante e tenebroso. Mais aterrorizador se torna quando as melodias se alegram, como em "Procession of Shadows". Aparentemente minimalista, mas com camadas a descobrir, é como se fosse a banda sonora para uma outra versão, de outra dimensão, do filme "Freaks." Uma viagem a um bizarro circo assombrado na companhia dos Nox Arcana ou, como por exemplo numa "Whispers Among Gnarled Oaks", dos Gnaw Their Tongues. Estamos tramados. Nem queremos saber como será quando aparecerem os palhaços. (C.M.)



Phase Transition "In Search of Being"

Edição de Autor

O violino de Sofia Beco é o primeiro aspecto a destacar deste lançamento dado que contribui com solos ao lado da guitarra eléctrica de Luís Dias. Outro é as harmonias vocais presentes logo desde o primeiro tema "Dicothomy". O



segundo tema, com direito a vídeo, "Becoming, (R)evolution" é mais directo, também com trade-offs de solos entre guitarra e violino, com uma entrega incrível da vocalista Sofia Beco. Parecem influenciados por bandas como Cynic, Amorphis, Incubus ou até mesmo Jinjer, pelo que pude auferir duma audição completa do álbum. Trata-se de um lançamento que podia beneficiar de maior dinâmica em termos sonoros, mas que compensa com a prestação dos músicos nomeadamente nos solos, texturas de teclados, bateria precisa e harmonias vocais. Destacam-se aqui os temas "Becoming, (R)evolution" (o tema mais energético) e "Shadows of Grief" (uma bela power balad) como os pontos altos do álbum. Este colectivo portuense demonstra com este primeiro longa-duração potencial para uma continuar a progredir e trazer mais ao panorama nacional de metal progressivo. R.A.

Ladon Heads "Steel for Fire"

Lost Realm Record

No coração do Heavy Metal, há uma chama que nunca se apaga: a da paixão pura, da fantasia épica e dos riffs que soam a aço contra aço. É a essa chama que os Ladon Heads, do norte de Portugal, vêm prestar vassalagem com "Steel for Fire". Este não é um álbum de revivalismo nostálgico; é um ato de fé, uma declaração de que o verdadeiro espírito do Metal dos anos 80 não é uma relíquia de museu, mas uma arma pronta a ser empunhada.



Desde o primeiro acorde, a missão é clara. Inspirados por mestres do underground, a banda constrói uma muralha de som que é, ao mesmo tempo, familiar e cheia de uma identidade própria. Os riffs são a espinha dorsal de tudo, cortantes, memoráveis e sem um pinga de gordura. A secção rítmica é um motor de guerra, marcando o passo para a batalha com uma precisão implacável, solos que fazem voar para um tempo onde a guitarra cantava e demonstrava sentimentos. Mas é na voz de Infernando que a banda encontra a sua assinatura mais distinta. Profunda, cavernosa e cheia



de uma garra narrativa, foge dos agudos estratosféricos tão comuns no género. É a voz de um bardo sombrio, de um feiticeiro a contar a história de um mundo condenado. E que história! "Steel for Fire" é um álbum conceptual que nos arrasta para uma saga de desespero e fúria: uma aldeia que desafia o inferno, uma batalha contra um guardião divino e a profecia de um guerreiro nascido do aço. Faixas como "Birth by Hellfire" e "Born in Steel" são hinos instantâneos, com refrões feitos para serem gritados de punho no ar e solos de guitarra que choram e celebram em igual medida. A produção, a cargo de Lex Thunder, acerta em cheio no alvo: é crua quanto baste para soar honesta, mas poderosa o suficiente para fazer justiça à ambição épica da banda. "Steel for Fire" é o som de uma promessa cumprida. É um álbum forjado com a amizade, a paixão e um respeito reverente pelos deuses do aço. Os Ladon Heads não vieram para inventar o futuro; vieram para honrar o passado e para nos lembrar que, enquanto houver histórias de heróis e batalhas para contar, o Heavy Metal nunca morrerá. Um dos melhores e mais honestos álbuns de Metal tradicional a sair de Portugal nos últimos anos. (A.R.)

Malignea "A Aldeia" Ethereal Sound Works

Esqueçam os mapas. "A Aldeia" não é um lugar, é um estado de alma. É um feitiço lançado por veteranos da cena metal nacional que, sob o nome Malignea, desenterraram os nossos medos mais antigos para lhes dar uma voz. Este não é apenas o sucessor espiritual dos Dogma; é a sua reencarnação profana, mais sombria, mais sábia e infinitamente mais perigosa.



Este álbum é uma peça de teatro oculto. Cada faixa é um ato que nos arrasta para o coração de uma aldeia portuguesa sem nome, doente de segredos e superstição. A atmosfera é a personagem principal. É densa, palpável, construída sobre riffs de Doom Metal que se arrastam como uma procissão fúnebre e



orquestrações que soam como o lamento dos próprios anjos caídos. Em "A Dança", não ouvimos uma canção sobre a praga da dança; nós sentimos a febre, a loucura, a perda de controlo num crescendo de pura histeria sónica. Em "A Bruxa", o peso esmaga-nos enquanto a voz de Isabel Cristina se ergue, não como uma vítima, mas como uma força da natureza a amaldiçoar os seus carrascos. A sua performance é de outro mundo. Ela é a alma penada e a vingança, a melancolia do fado e a fúria do inferno, tudo na mesma respiração. E depois, há "O Moinho". Dez minutos. Uma eternidade. Uma viagem épica ao coração da tragédia, uma estrutura gigantesca que se ergue e desmorona como as ruínas de um tempo esquecido. É aqui que a banda mostra a sua mestria, a sua capacidade de nos prender numa narrativa sem nos largar um único segundo. "A Aldeia" é uma obra-prima de terror folk. É a prova de que a nossa história e o nosso folclore são mais negros e mais poderosos do que qualquer fantasia importada. Os Malignea não fizeram um álbum; eles ergueram um monumento à escuridão portuguesa. É denso, é teatral, é assombroso. É um dos discos mais importantes a nascer em solo nacional. Essencial. (A.R.)





Foi em Maio que conhecemos o álbum de estreia dos **Eden's Apple** em formato digital.

No mês de Setembro, este coletivo de Leiria fez um "upgrade" e agora, finalmente será possível ver morar na vossa prateleira o álbum de estreia intitulado "Primordial Roots"

Podem contactar a banda nas redes sociais para garantir o CD e com o vosso apoio levar a banda para o próximo nível.

IONIZED

Uma triste notícia para o nosso panorama saiu no início deste mês. Os feirenses **Ionized** decidiram que o seu percurso terminou e anunciaram seu fim. No seu percurso de nove anos deixam um legado de um EP e dois discos, com o último, "Mudsign," a ser muito marcante no panorama pesado alternativo e progressivo. No anúncio, a banda garante que este fecho não se deve a qualquer conflito ou animosidade, mas sim pela sensação de realização, satisfação e "consciência de que este ciclo está concluído." Fica o legado e, da nossa parte, um sentido agradecimento pela música.

MOONSPELL

Não esquecer, no dia 31 de Outubro os **Moonspell** vão subir ao palco da Sala Multiusos do Lisboa ao Vivo, com os suecos Dark Tranquillity, para a festa de Halloween. Antes disto, vão apresentar a antestreia do DVD "Opus Diabolicum - Ao Vivo na MEO Arena", filmado no ano passado naquela sala lisboeta com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa. A antestreia vai decorrer no Auditório Carlos Paredes (Lisboa), nos dias 4 e 5 de Outubro, às 21:00h e às 17:30h, respectivamente, em duas sessões exclusivas e limitadas a quem fizer a compra do DVD ou LP no site da editora em moonspell.com.

GLASYA

Já lá vão três anos desde que fomos surpreendidos com o "Attarghan" dos **Glasya** e a nova surpresa já está agendada para 24 de Outubro, com o novo "Fear" a ser lançado pela editora Scarlet Records.

Neste mês de Setembro, já nos adiantaram o single "Fear", canção que dá nome ao álbum e que conta com a participação especial de Fernando Ribeiro, dos Moonspell.



Os **Analepsy** voltam aos registos sonoros, desta vez com "Cryogenic Rebirth" um tema de 2017, mas agora reestruturado e com nova roupagem em 2025.

Este tema nasceu em 2016 com o título "New Inception of Inhuman Cryotechnologies" e faz parte do álbum "The Kraanialepsy Split", lançado em 2017.

INHUMAN

O primeiro single e vídeo dos algarvios **Inhuman** já estão disponíveis em todas as plataformas digitais. "Conspiratio" é o título deste single que fará parte do álbum a sair em Novembro com o selo Alma Mater Books & Records.

Fiquem então atentos ao lançamento de "Gloriæ".



Temos festa marcada! Os **Revolution Within** estão a celebrar 20 anos de carreira e pretendem fazê-lo "perto de casa" com um tremendo concerto no Buraco, em Ovar. A comemoração está marcada para 15 de Novembro e promete ser um concerto explosivo. Só



ETHEREAL SOUND WORKS
independent portuguese label

www.etherealsoundworks.com

esperamos que ainda sobre energia para eles, tamanho é o elenco de luxo que os antecede. Para abrir as hostes, a banda sanjoanense/feirense rodeia-se de amigos, contando com Infraktor, Take Back, Soul of Anubis, M.O.R.G. e Bong Kong.

Mais um produto do death metal nacional previsto para finais de Outubro.



Os **Necro Algorithm** estão de volta com o seu segundo álbum de estúdio “Machina Omnipotens” com selo da Ethereal Sound Works.

Relembramos que em 2024 surgiram com “Eternal Echoes” em formato digital e neste 2025 já fizeram parte do split-cd “Doomed Algorithms”.



A Larvae Records continua sempre com as suas grandes novidades e recentemente anunciou o enriquecimento do seu plantel com a reedição de “Evil Mystery,” dos **Lord of Confusion**, que data já de 2022. A reedição em vinil chegou às mãos dos fãs no passado dia 30 de Setembro, com versões em preto e violeta/transparente e já é algo para nos manter bastante entretidos enquanto aguardamos por música nova da banda leiriense.



Boas notícias para os fãs dos **Godark**. A entidade de death metal melódico de Penafiel, que vai mantendo a



sua agenda de concertos activa, anunciou que tem um novo álbum pronto para ouvirmos. O disco intitular-se-á “Omniscience” e já tem data marcada para 5 de Novembro. A apontar e realçar na vossa agenda!

P T O L E M E A

É sempre óptimo quando temos várias opções para ouvir grandes vozes. Depois de já nos ter hipnotizado no último registo dos Sinistro, Priscila da Costa resgata o seu projecto **Ptolomea** para um novo álbum intitulado “Kali,” com data marcada para 6 de Novembro. Ainda sediada em Luxemburgo, não consegue resistir a trazer tanta portugalidade para o seu doom rock/metal gótico e atmosférico, onde ainda cabe um fado se ela assim o entender. Recomendado a fãs de Sinistro, Chelsea Wolfe ou Emma Ruth Rundle. O single “Guilhotina” já se encontra disponível.

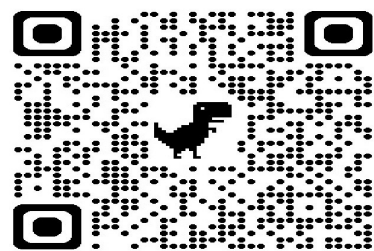


A espera foi longa por mais negrume, mas finalmente temos planeado um sucessor de “Appaling Ascension,” que já data de 2017. “Cloven Tongues of Fire” será o novo disco dessa entidade misteriosa que são os **The Ominous Circle**. Com data marcada para 28 de Novembro, terá selo da Osmose Productions e promete saciar a sede que deixaram por death metal bem regado de doom, black e muita escuridão.

PORTAL METAL

O PORTAL DO METAL PORTUGUÊS

CONSULTA O
CATÁLOGO DE
CONCERTOS PARA
OUTUBRO



Diário PT Metal

a/c Christopher Monteiro
Email: diarioptmetal@gmail.com
Facebook/[DiarioPtMetal](https://www.facebook.com/DiarioPtMetal)

Periodicidade: Mensal

Equipa de Redação: Christopher Monteiro; Sérgio Borba; André Rosado; Raúl Avelar Rosa Soares; João Speedy Santos; Alexandre Almeida
Mário Lino Faria; Duarte Fernandes; A. Poeira; Sónia Ferreira



Mata-Ratos
Pesadelo antes do Natal - R.C.A. - 2023
@ Sónia Ferreira Quiet Magic



Gwydion
Vagos Metal Fest 2024
@ Sónia Ferreira Quiet Magic



Speedemon
R.C.A. - 2024
@ Sónia Ferreira Quiet Magic



Filli Nigrantium Infernalium
R.C.A. - 2024
@ Sónia Ferreira Quiet Magic